

✦ ALTERIDADE ... ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Profa. Anelice Ribetto[1]

Mestranda pelo Programa de Pós- graduação em Educação

UFF

Toda cultura se institui pela imposição unilateral de alguma política da língua. A dominação, é sabido, começa pelo poder de nomear, de impor e de legitimar os apelativos.

Jacques Derrida

São muitas as questões, dúvidas e perguntas sobre “as políticas e poéticas da diferença” (Larrosa e Skliar, 2001) que permeiam meu trabalho. São perguntas sobre as relações entre seres humanos, os contextos sociais, culturais, educacionais, econômicos onde essas relações têm movimento: Como nos constituímos em sujeitos da alteridade? Qual é a relação entre a minha subjetividade e o que o outro é, pode ser, deve ser? É possível negociar alguns espaços tempos (práticas inclusivas?) intersubjetivamente? ou, a “intenção” de incluir ao outro num único-mesmo espaço (escolar-cultural) é/foi só uma maneira até perversa de fazer ao outro ocultar embaixo do tapete suas diferenças –que revelam as minhas próprias, às vezes aborrecidas- e o incomodo da sua visibilidade para coloca-lo numa outra categoria “politicamente correta” onde as diferenças podam ser controladas, limadas, maquiadas, e incluídas feitas invisíveis?

Relacionado a esta questão da visibilidade ou invisibilidade, Alfredo Veiga Neto (2001) fala do risco da “inclusão escolar dos anormais” (p. 105) interessado na discussão do termo – nome – “anormal” como aquele que não se enquadra na norma, norma criada pela modernidade

A inclusão pode ser vista como o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois é preciso a aproximação com o outro, para que se dê um primeiro (re) conhecimento... detectada alguma diferença se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o mesmo não se identifica com o outro, que agora é um estranho (p.113)

E é aqui que me pergunto se muitas supostas “boas intenções de inclusão” não geram mais invisibilidade que outra coisa. Silvia Duschatzky e Carlos Skliar colocam claramente que “hay sobre todo una regulación y un control de la mirada que define quienes son y cómo son los otros” (2000, p.37) e como os movimentos de visibilidade e invisibilidade “son mecanismos de producción de la alteridad y actúan simultáneamente con el nombrar y/o dejar de nombrar” (2000, p.37).

Esta questão foi /é colocada freqüentemente na discussão com os professores e com famílias de alunos a “serem incluídos”: quando incluir significa só acatar e cumprir por força da lei, ou significa só uma “intimação à hospedagem” do outro, que faz da cultura e de sua hospedagem, lugares, espaços, essencialmente coloniais[1]” (Skliar, 2003, p. 104) pode significar a intenção de tornar invisível ou “visivelmente normal”[2] alguma situação, que, sendo antes visível, incomodava ao olhar. Se os conflitos/ incômodos que os atores da chamada educação especial deixam de ser nomeados como tales, incluídos e homogeneizados –escondidos atrás dos “normais”- dentro de um mesmo e idêntico padrão sob a aparência igualitária da que Skliar fala, a situação que antes incomodava, agora pode ficar quieta, mansa, feita invisível, sem nome... o tal incômodo já não existe.

A minha reflexão não supõe que rejeite as políticas chamadas inclusivas, destinadas a grupos ou

peças que foram/são desconsiderados historicamente nas políticas públicas educacionais por ex.; pelo contrário, acho que a luta pelas políticas afirmativas começa pelo reconhecimento que uma das armadilhas do discurso das grandes narrativas (“a escola inclusiva”, “os excluídos”, etc.) é a possibilidade de tornar invisível as pequenas narrativas[3] e, seu poder político de resistência e mudança: negadas as diferentes subjetividades, negadas a condição relacional e cultural dos processos inclusivos ou não, negadas as possibilidades de negociação intersubjetiva dos sentidos, dos estereótipos no mundo, no cotidiano, as pessoas ficamos escondidas, defendidas, cômodas e até convencidas das nossas boas intenções.

O outro é, em parte, aquilo que eu nomeio ou invento como tal através da linguagem, e tem a ver com a minha subjetividade; mas é também aquilo que eu não posso nem poderei nomear nem inventar porque escapa, escorre produzindo desorientação e que se enfrenta com meu invento: é nesse jogo de intersubjetividades em que o conto que contarei foi criado e compartilhado com professores[4] para disparar uma conversa sobre nós mesmos e o nome dos outros...
O conto.[5]

Contaram-me que quando Lube olhou o mundo pela primeira vez seus irmãos já saíam sozinhos. Que quando nasceu, vinha dentro de uma mesma bolsa junto com um gêmeo que não sobreviveu. Soube das suas alergias, e que por causa da fraqueza das suas pernas não podia dar nem dois passos e ficava olhando um mundo que parecia cheio de surpresas, fora desses dois passos.

Falaram-me que não foi negro de nascimento: osso e coroa descolorido; que se prendeu ferozmente da teta da sua mãe, e que sua mãe prendeu-se ferozmente à vida dele, e assim foram indo... “pasito a paso” – frase que, na Argentina, significa “caminhar divagar”. É filho do melhor caçador que a gente viu por aqui, ficou órfão num duelo de honra. Lube não parecia ser nem macho nem fêmea, era só Lube.

Soube que não pulava, nem brincava, nem emitia sons, nem ouvia: parecia não pertencer a este mundo, alheio na sua própria aventura de brigar com a vida dia a dia, não fazia outra coisa que ser um lobisomem: o mais feio. Tampouco assistiu às aulas socializadoras com os irmãos, nem aprendeu das crises evolutivas normais, porque nunca às atravessou.

“Não vejo se não acredito” sub titula Von Foerster o artigo “Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem” (Von Foerster, 1996, p.73) e nos/se pergunta: “Como podemos observar-nos a nós mesmos?”, ao mesmo tempo, se/nos responde: “A única maneira de ver-nos a nós mesmos que lhes posso sugerir é ver-se através dos olhos dos demais” (p.73)...

Então pode ser que a isso que me contaram, o desejo, transformou fraquezas em fortalezas: hoje, depois de quase dois anos, eu olho Lube olhar o mundo com olhos abertos, e, ao mundo olhá-lo boquiaberto.

Seus irmãos cresceram e fugiram da casa para outros lugares e gentes, ele inventou-se um amigo invisível ao que conta nossos contos quando nos dormimos. Não sabe de gêmeos, nem de irmãos, nem de humanos: Lube é uma relação em si mesmo, e é onde ele circula para dizer que alguém está ali, pretendendo ser nomeado para constituir-se.

Aqui sinto um incômodo, alguma coisa me coloca em dúvida e me empurra continuamente a tentar um diálogo com “outros”; certamente é uma interrogação que circula em nossos diálogos e que, em alguns momentos, meu amigo Aldo Victorio colocou em palavras lembrando uma das frases que tinham marcado sua própria experiência de olhar a obra “Carmem”. A pergunta recorrente no filme e nele era/é Que é o que vem antes do nome? Interrogar-me sobre essa interrogação me coloca sobre uma noção que tenho tentado percorrer em minhas práticas como psicóloga, e que tem a ver com a condição fundante da linguagem como constituinte do sujeito; isso é: um sujeito é constituído porque existe um outro que, através de seu discurso o institui como tal no mundo. Von Foerster (1996) diria que,

contrariamente ao que afirma a linguagem como representação do mundo, “o mundo é uma imagem da linguagem. A linguagem vem primeiro” (p. 65). É o nome o inventor do sujeito? É meu nome um invento do outro? Então, não teria possibilidade de que um nome não só fale de quem nomeia, e sim de uma relação entre quem o inventa e de quem é seu destinatário: o nome como produção relacional, social, cultural.

Até aqui parecera que posso seguir as noções de Von Foerster, mas lendo-as no contexto de uma mudança de paradigma epistemológico, aparece então, novamente, Carlos Skliar irrompe com duas palavras: “temporalidade disjuntiva”:

a idéia de temporalidade disjuntiva cria outro tempo no que se refere à presença do outro. Já não é, não pode ser, aquele tempo mítico a partir do qual o outro existe porque sua existência e reconhecida, porque é aceito, cotejado, comparado, excluído e/ou incluído, tolerado, examinado, respeitado, considerado, etc. O outro, aqui, sempre esteve, mas em um tempo talvez diferente daquele que percebemos; suas historias, suas narrativas, sua própria percepção de ser outro, não obedece de forma submissa à nossa ordem...(p.62)...o conceito de temporalidade disjuntiva, enquanto presença do outro independentemente de nossa percepção, parece supor que o outro existe fora da linguagem (2003, p.63).

Ao dialogar com os dois autores acho que não é preciso nem precioso aclarar minha não-pretensão de encontrar respostas, menos ainda de chegar a alguma síntese teórica tranqüilizante, e, sim, refletir sobre o que esta acontecendo.

Von Foerster fala com sua colocação da ruptura da certeza moderna da pretendida objetividade, de um mundo preexistente à humanidade feita de homens ordinários, essa humanidade estranha que não seria capaz de criá-lo nem recriá-lo senão, ficar só condenada a repetir o QUE É; quando von Foerster disse que, na realidade, a linguagem inventa o mundo, está dizendo que essa humanidade é que o inventa, portanto, é a subjetividade o que aparece como fundamental no jogo do nomear as coisas, os outros, o mundo. Acho que Skliar dá uma outra dimensão da subjetividade e da alteridade ao colocar a idéia de “temporalidade disjuntiva”: coloca na discussão a existência duma subjetividade Única-mesma/em/si/mesma-Unívoca, capaz de nomear e de dar conta do mundo só através das suas próprias regras: sua própria língua, seu próprio espaço, seu próprio tempo, que na realidade não seria outra coisa que inventar ao outro do mesmo.

Acho que ele desafia esta armadilha em que muitas vezes caímos: o outro existe se eu o invento... é certo... mas é um outro do mesmo, coisificado, outro que controlo, outro que eu faço compreensível, seria “o sujeito da compreensão (...) o tradutor etnocêntrico: não o que nega a diferença, mas aquele que se apropria da diferença traduzindo-a a sua própria linguagem.” (Larrosa e Skliar, 2001, p.19) e, vai, então, além, introduzindo a idéia de que existe um outro com sua subjetividade que está para além da lógica anterior, e, arrisco perguntar-me se é na negociação das subjetividades que podemos começar a encontrarmos nesse tempo espaço “inventado” e nomeado de “conversa”.

Então, o mundo – os outros – passa a existir em relação ao sujeito que observa quando este o distingue: sem ele nenhuma distinção acontece; mas a validação das experiências subjetivas de quem observa se fará criando espaços intersubjetivos, ou seja, espaços onde nunca haverá uma Verdade, mais sim um espaço para negociar as diferentes verdades postas a partir do encontro de diversas subjetividades e não da negação de uma para afirmar a outra, ou, interpretações verdadeiras ou falsas da realidade, mais “apenas interpretações ilusórias” (Certeau, 1994, p.73).

Esteves de Vasconcellos – num diálogo com as noções de Humberto Maturana sobre objetividade entre parêntese objetividade sem parêntesis – fala de um “câmbio na preocupação com a verdade pelo reconhecimento de múltiplas verdades, de diferentes narrativas, não mais sobre “a realidade tal como ela existe”, mas sobre a experiência” (2003, p.141).

Lube já não espirra, mas alguma alergia está transformando-o num careca novo. Não tem feito muito

mais que dois passos... e, acredita que pisou a lua: ele só reconhece como próprio o quintal onde marcou limites que permitem a ele, seguir sendo, sempre em referência a outros; no seu quintal de um pouco mais de dois passos, Lube inventa espaços onde nos permite rir de nós mesmos inventando seus lugares de crescimento. Lube é negro agora, mas tem brilhos vermelhos; segue sendo pele e ossos, porém ele não tem complexos em seu desengonçado andar nem em sua cor indefinida. Abandonou a teta da sua mãe, porém ela não parou de amamentá-lo dessa cálida presença que têm as “madrzas” –palavra que, na Argentina, utilizamos para nomear uma “boa e cuidadosa mãe” – de todas as culturas: seu olhar fica sempre atento à maneira com que Lube é testemunho da sua teimosa generosidade. Para contrariar as expectativas de seu pai, só caça borboletas que sempre voam longe. Cuida, mais que nada, dois saquinhos inchados que penduram de suas pernas e que ainda não descobriu os prazeres que podem dar-lhe, os exhibe, mostrando aos quatro ventos que ele foi ele desde o começo, pena que nós não sabíamos disso.

Aparece um outro incontrolável, um outro que tem vida, sexo, tempo, espaço, que É.

Um outro que escapa a nosso próprio ato de perceber-lo e faz-lo outro do mesmo.

De lobisomem virou Lube com lua cheia e sem se olhar em outros espelhos.

Dizemos que ele é o cangaceiro mais bem-humorado de uma quadrilha de “outros” nomeados, que o nomeiam e, nessa relação dialógica, tem-se dado à vida: nunca soubemos como foi que “Lampião” – seu irmão que tem o nome do bandoleiro, que se transformou em mito no nordeste brasileiro –, com um só olho, começou a seguir seus passos e a salvá-lo de cobras que não pretendiam brincar de guerra com ele. A “Pirrila”, divina do clã, santa e vagabunda, caçadora e cassada, ágil e mansa, empenha-se em trazer ao terceiro mundo descendência que o encha; essa descendência teimosa emerge desde relações que jamais podemos terminar de entrelaçar ou controlar, porque se escorrem como seu andar. “Luis Melodia” tem nome que o define: maldito como o cantor e compositor brasileiro que foi durante muito tempo identificado assim pela sua irreverência – em uma de suas gravações se identifica cantando “eu sou um negro gato de arrepiar” – negro, ágil, abusado, inteligente, sonoro; Melodia iniciou a Lube num mundo de amigos reais, dando-lhe possibilidades de fazer visível isso que estava invisível como um amigo no mato; Lube, grandalhão sentado na última fila da sala de aulas faz só garrancho, enquanto Melodia constrói teoremas de científicos loucos. “Birdy” é dois: um que foi ao vazio e outro que se incluiu no clã: branco, olhos azuis, filho de pai estrangeiro. Qual é a hierarquia entre eles? Quem é quem ali onde se encontram?

Finalmente, Lube tem mais de sete vidas... e as desfruta dia-por-dia, nem sabendo que poderia antecipar saudades e perdas, felicidades e amores... só vai vivendo todas ao mesmo tempo.

Lube, suspeitarão, é um GATO, eu não sei se ele sabe que é um gato, mais de alguma maneira reconhecemos a necessidade aprendida de “encaixá-lo” numa “categoria” que o identifique: nos serve ao nosso controle... não sei se serve a ele... então, Lube é nosso gato e ao mesmo tempo, não é...

Li uma frase da escritora Clarice Lispector que fiz minha, em algumas das oficinas sobre INCLUSÃO ESCOLAR, quando debatia com os professores sobre a constituição relacional do “outro” e, sobre o próprio e interno “outro” que inventamos quando nomeamos ao aparentemente alheio e estranho “outro”; Clarice dizia: “Eu reduzida a uma palavra? Porém, qual palavra me representa? Uma coisa sim que eu sei é que eu não sou meu nome. Meu nome pertence a os que me chamam” (1991, p.133).

Referência Bibliográfica

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994;

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. La diversidad bajo sospecha. Reflexiones sobre los discursos de la diversidad y sus implicaciones educativas. Rosario: Cuadernos de Pedagogía, marzo-abril 2000, p. 34-47;

ESTEVES DE VASCONCELLOS, Maria José. Pensamento sistêmico. O novo paradigma da ciência. Belo Horizonte: PucMinas, 2003 (2º ed. revis.);

FILÉ, Valter. Negociação dos desejos – a linguagem audiovisual na formação de professores e professoras como questão de direito. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PROPEd/UERJ, 2000;

LARROSA, Jorge. Notas Sobre A Experiência E O Saber De Experiência. Meio Digital. Palestra proferida no 13º COLE-Congresso de Leitura do Brasil, realizado em UNICAMP/ SP, 17 a 20 de julho de 2001;

LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos. Babilônios somos. A modo de apresentação. In: LARROSA, Jorge y SKLIAR, Carlos. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001;

LISPECTOR, Clarice. Um Sopro de vida. São Paulo, Francisco Alves: 1991 (9º ed.);

NERY, Toni. Contrapoder. In: Negri, Toni y otros. Contrapoder. Bs. As.: Ed. De M aM, 2001;

RIBETTO, Anelice. Artigo: O nome de Lube. In: “A Página da Educação”, Portugal, Nº 130, janeiro, 2004;

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003;

VEIGA NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge y SKLIAR, Carlos. < mso-fareast-language:ES"> Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001;

VON FOERSTER, Heinz. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org). Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996;

[1] “Coloniais no sentido de uma lei que, sob uma aparência igualitária, universal, de pluralização do eu/ou de albergue da diversidade, acaba por impor a força e a generosidade da língua da mesmidade” (Skliar, C., 2003, p.105);

[2] Me lembro de uma publicidade que passava até pouco tempo na Tv: uma adolescente com síndrome de down numa cena “típica” de generalidade “adolescência”: correndo, dançando, escutando musica forte, com um quarto de cores vivas e roupas de moda; a publicidade fechava com a frase “ser diferente é normal”.

[3] Ainda que eu considere que no cotidiano sempre se geram “micro-poderes” (Nery, T., 2001, 86) ou “mil maneiras de fazer com” (Certeau, 1994, p.91) que tornam impossível à certeza da invisibilidade;

[4] Oficina “Lidando com a escola inclusiva” coordenada pela autora em 2003/2004 na Escola Oga Mitá, Rio de Janeiro, Brasil;

[5] Parte do texto do sub-título “O conto” –em itálica 10- foi publicado na Revista “A Página da Educação” de Portugal, Nº 130, janeiro 2004 com o título “Em nome de Lube”:

[http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=2905;](http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=2905)

[1] Psicóloga. Graduada na Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. anelatina@yahoo.com.ar